

As línguas do Alto Amazonas: contribuição para o estudo das migrações do passado e da demografia antiga

A distribuição das línguas reconhecidamente aparentadas oferece prova inequívoca das migrações do passado. Ao contrário do que sucede noutros domínios da cultura, tais como a tecnologia e até os estilos artísticos, a linguagem básica aprende-se cedo e a fundo, e não se altera fácil nem voluntariamente em contacto com outros modelos fornecidos por visitantes casuais. Onde quer que se encontrem línguas aparentadas difundidas em vastas áreas da superfície terrestre podemos ter a certeza de que esta dispersão resultou do movimento de grupos bastante numerosos de indivíduos que falam essas línguas. Em alguns casos, um bando relativamente pequeno de invasores poderá impor a sua língua a um grande número de povos conquistados. A difusão do espanhol e do português na América Latina seguiu muitas vezes esse padrão. Noutros casos, e com maior frequência na antiguidade, a difusão de uma língua processava-se mediante a substituição de uma população primitiva por colonos numérica ou militarmente superiores. Um exemplo clássico deste fenómeno foi a eliminação quase total das populações índias da América do Norte por colonos de língua francesa e inglesa.

Entendemos por línguas aparentadas qualquer grupo derivado de uma língua-mãe única que existiu numa época anterior, da mesma forma que as línguas românicas modernas derivam do latim. Quando o parentesco se demonstra facilmente por meio de métodos comparativos válidos, estamos perante uma família linguística e podemos deduzir que as línguas em questão divergiram num espaço de tempo relativamente curto (no caso das línguas românicas, esse período durou um pouco menos de 2000 anos). Onde as semelhanças entre um grupo de línguas são menos numerosas e menos claras, e quando a demonstração cabal de

parentesco é facilitada pela comparação de várias línguas-mães antigas, quer conhecidas através de documentos escritos, como no caso do latim, do grego clássico e do sânscrito, ou reconstituídas, podemos dizer que estamos perante um grupo linguístico; é claro que decorreu um grande espaço de tempo desde o momento em que se iniciou a divergência de todas as línguas desse grupo (no caso do indo-europeu, entre 4000 e 5000 anos). Onde já se fizeram estudos comparativos completos e nos casos em que as línguas-mães de vários grupos (as protolínguas) foram reconstituídas, podemos tentar demonstrar relações históricas remotas entre vários grupos, mas estas comparações devem basear-se num vasto repertório de investigação prévia. A unidade taxonómica assim atingida é normalmente denominada um supergrupo.

A existência de uma família de um grupo ou supergrupos linguísticos comprovados implica que, em dado momento, no passado, a língua-mãe foi falada por uma única população contígua e única, confinada a uma área circunscrita. Onde, mais tarde, se encontram as línguas-filhas de uma família ou de um grupo ocupando grandes áreas da superfície terrestre há nítidas relações sob o ponto de vista demográfico e económico. Um aumento notável da área em que é falada uma língua ou um grupo de línguas aparentadas significa que houve um aumento igualmente notável da população que a falava. Estas explosões demográficas são uma prova segura de que a base de subsistência em que se apoiava a população se tornou mais eficaz. A expansão das línguas pertencentes a uma família, assim como daqueles que a falavam, desde que tenha lugar depois do povoamento inicial de um continente ou de uma unidade ecológica desse continente, deve ter-se efectuado à custa de conquistas territoriais a outros povos, muitas vezes portadores de línguas pertencentes a outras famílias. Pode partir-se do princípio de que a capacidade de um grupo para expandir o seu território à custa de outros grupos depende de uma superioridade numérica, orgânica ou militar. Todas as três características assentam numa base económica segura e progres-

siva. Na maior parte dos casos, os grupos em expansão fazem uma seleção dos territórios que ocupam. As preferências reveladas indicam muito claramente a natureza da economia de subsistência praticada.

O padrão de distribuição das línguas dentro de uma dada família linguística pode igualmente fornecer achegas quanto aos meios de transporte preferidos pelos povos e mais usados nas suas empresas colonialistas. Se a distribuição é lateral ao longo dos principais rios, ou se abrange ilhas distantes do continente, pode concluir-se que a técnica náutica estava bastante desenvolvida e preferia o tipo principal de viagem de longo curso.

O mapa linguístico da América do Sul caracteriza-se pelo grande número de línguas distintas, faladas na época em que se deram os primeiros contactos com os Europeus, assim como pelo elevado número de línguas, cujo parentesco com outras comunidades linguísticas ainda não foi definido. Parece-nos mais útil concentrar a nossa atenção sobre algumas das famílias linguísticas e grupos linguísticos em que se não verifica relação evidente. A zona de maior diversidade linguística da América do Sul é a bacia do Alto Amazonas, ao longo do sopé oriental dos Andes; foi precisamente esta complexa justaposição de discretas unidades étnico-linguísticas que levou Steward a falar de «uma série de ondas migratórias que desperdiçaram a sua força contra a barreira dos Andes».

O GRUPO ARAUCANO

As línguas do grupo araucano conheceram uma dispersão geográfica na América do Sul maior do que a de qualquer grupo ou família linguística. A norte, as línguas araucanas predominaram nas Grandes Antilhas e estenderam-se até às Baamas e à costa oriental da Florida. A sul, os povos de língua araucana estenderam-se até ao Grande Chaco. Provavelmente abrangeram todo

o continente sul-americano, desde as proximidades da foz do Amazonas e do Alto Xingu, a este, até à Montaña peruviana superior e à bacia do Titicaca, a oeste.

O parentesco entre as várias línguas araucanas mais difundidas foi desde cedo reconhecido pelos missionários jesuítas, quando se compararam os vocabulários coligidos em Maipur, no Alto Orenoco, com os vocabulários recolhidos em Mojos, nos Ihanos de Mojos, na Bolívia. Foi o linguista norte-americano Brinton quem primeiro reconheceu que as línguas índias das Grandes Antilhas eram aparentadas com a já reconhecida família araucana, e quem contribuiu para que a família linguística araucana fosse considerada um grande grupo. Mais tarde, Noble efectuou uma análise completa das línguas araucanas.

Segundo a análise de Noble, o grupo linguístico araucano é composto por sete ramos ou famílias distintamente relacionadas ao mesmo tempo. Utilizando o método de datação léxico-estatístico, Noble considera que esta ramificação do proto-araucano se terá verificado há 4500 ou 5000 anos. Seis destes sete ramos araucanos divergentes estavam representados, no momento dos primeiros contactos com os Europeus, por uma ou mais línguas muito próximas, em áreas restritas: o taino nas Grandes Antilhas e Baamas; chamicuro no rio Samiria, na Montaña do Peru oriental; as várias línguas aruanas nas bacias superiores do Juruá e do Purus, no Oeste do Brasil; o amuesha na nascente do Alto Pachitea e em Pacazu, na Montaña do Peru oriental; o apolista numa pequena zona junto a um afluente do Bení, na Montaña da Bolívia; e o uru-chipaia em várias áreas na bacia do Titicaca (ainda subsiste muita controvérsia entre os linguistas, quanto à classificação do uru-chipaia). O sétimo ramo, o maipurano, está representado por uma enorme variedade de línguas. Noble é de opinião de que o protomaipurano iniciou a sua dispersão há aproximadamente 2500 anos. As duas datas obtidas pelo método léxico-estatístico desde há 4500 ou 5000 anos, para o princípio da divisão do protomaipurano nas várias línguas que o

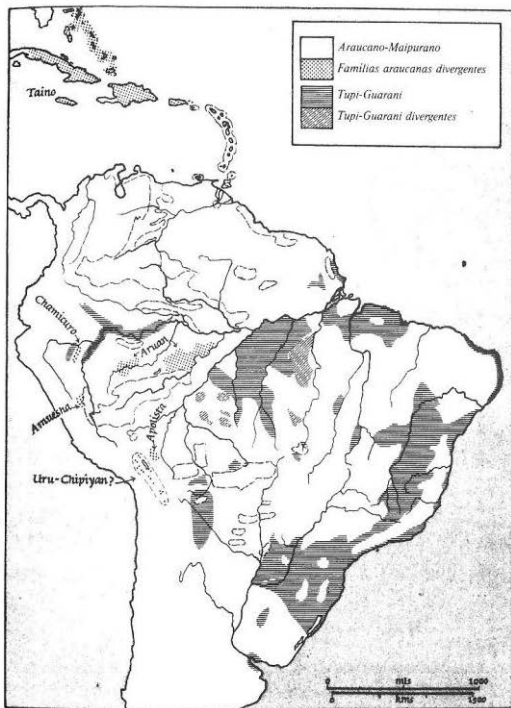


Fig. 4 — Distribuição aproximada das principais línguas macroaraucaicas e macro-tupi-guarani, na época dos primeiros contactos com os Europeus. De acordo com a distribuição e o número de pessoas que as falavam, estas duas línguas eram, de longe, os grupos lingüísticos mais importantes nas planícies da América do Sul. Em ambos os grupos, as línguas mais divergentes e mais cedo difundidas diferem das do ramo principal que lhes estão mais próximas: o maipurano, de macroaraucaico e o tupi-guarani propriamente dito, do tupi-guarani.

constituem, não podem ser tomadas como valores absolutos, mas fornecem, na realidade, uma indicação muito útil relativamente ao espaço de tempo coberto por estas duas ondas de expansão. Merece destaque o facto de as famílias mais divergentes se situarem num grande arco que contorna a orla ocidental da bacia do Amazonas e para o Norte, nas Grandes Antilhas, enquanto as línguas maipuranas ocupam uma posição mais central. Existem várias provas que sugerem que os grupos araucanos foram mais afastados ou estão a ser empurrados para posições marginais pela expansão dos povos maipuranos. Noble aceitou a sugestão frequentemente proposta de que a pátria do protomaipurano, imediatamente antes da sua dispersão, era o Alto Orenoco. Mas propôs a hipótese mais original, segundo a qual o proto-araucano teve a sua origem há 4000 ou 5000 anos entre o alto curso do Ucayali e o do Madre de Dios. À luz da ecologia, da demografia e de meios de dispersão, os centros sugeridos por Noble não parecem prováveis e não posso compreender a força dos seus argumentos quanto a dados linguísticos.

Indicarei em seguida algumas das dificuldades inerentes ao modelo de dispersão proposto por Noble e apresentarei um outro que me parece mais plausível. Na altura dos primeiros contactos com os Europeus, todos os povos de língua araucana, à excepção do duvidoso uru-chipaia, se dedicavam a uma agricultura intensiva, segundo o padrão do cultivo de raízes da floresta tropical. Há fortes razões para crer que este era o padrão económico dos povos que falavam tal protolíngua, no momento em que iniciaram as suas migrações externas e que foi ele a razão fundamental da explosão demográfica que levou a essas migrações. A cadeia montanhosa entre o alto curso do Ucayali e o Madre de Dios não era uma zona propícia à agricultura; logo, é muito improvável que aí se registassem pressões populacionais. A distribuição dos povos que falavam araucano leva a concluir que o principal meio de transporte por eles utilizado era a canoa. Todo o bloco central dos povos de língua maipurana está orientado no sentido da rede

das vias fluviais formada pelo Alto Amazonas, o rio Negro, o canal de Casiquiare e o Orenoco, e é evidente que o povo taino não atingiu a sua terra final por água. A zona indicada por Noble é uma das regiões onde há menos probabilidades de se terem desenvolvido os transportes fluviais, visto que todos os cursos de água são rápidos e rochosos.

Vejamus se é possível chegar ao padrão de distribuição do araucano, criando um modelo de expansão populacional mais uniforme e ecologicamente racional. Suponhamos que, por volta do ano 3000 a. C., os povos de língua proto-araucana estavam concentrados na planície inundada do Amazonas central, perto da actual cidade de Manaus; que uma agricultura de floresta tropical, já evoluída, estava a causar um aumento populacional, o que, por sua vez, veio a desencadear uma pressão cada vez maior nas áreas limitadas de terra aluvial da planície alagada do Amazonas; e que, para aliviar estas pressões populacionais, se começaram a mover alguns grupos coloniais menores, procurando outras zonas livres de terra aluvial. Estes colonos teriam viajado em canoas e percorrido todas as vias fluviais disponíveis, onde pudessem encontrar mais terras aluviais. Podemos imaginar a evolução dos factos posteriores da seguinte forma: alguns grupos subiram o rio Madeira, ocupando as terras aluviais e expandindo-se gradualmente na direcção dos Andes, até que atingiram os seus contrafortes orientais, os quais impediram a continuação do seu movimento; um grupo permaneceu no sopé dos Andes e veio a ser o apolista; outro foi provavelmente empurrado para fora da bacia do Amazonas, e veio a ser o uru-chipaia. Outros grupos subiram o Amazonas, até que foram obrigados, por determinadas pressões, a deslocarem-se ao longo do Juruá e do Purus. Foram gradualmente empurrados, subindo a corrente dos rios, até atingirem os seus cursos superiores e virem a constituir, mais tarde, os vários grupos de línguas aruanas. Outros ainda foram colonizando o curso do Amazonas e acabaram por se instalar no vale do seu principal afluente, o Ucayali, encontrando ali vastas zonas de

terra aluvial para explorarem. Novas pressões e jusante obrigaram estes grupos a subir o Ucayali e o seu afluente, o Pachitea, até que, finalmente, foram apertados contra o flanco oriental dos Andes, e constituíram os actuais Amueshas. Outro grupo subiu o Maranhão, e em seguida o seu afluente da margem sul, o Samiria, vindo a constituir o grupo chamicuro. Outros povos subiram o curso do rio Negro e, encontrando apenas zonas restritas de terra aluvial, percorreram o canal de Casiquiare e desceram o Orenoco, onde encontraram grandes extensões de boa terra aluvial no curso médio e inferior do rio. Estes grupos ocuparam o Orenoco inferior durante muito tempo, até que outros povos, descendo o Orenoco, os forçaram a mudar-se para a costa da Venezuela e, por fim, para as Antilhas, onde vieram a constituir os Tainos, aí encontrados por Colombo.

Suponhamos, igualmente, que na planície inundável do Amazonas central os padrões de produção alimentar e sua utilização continuaram, entretanto, a aumentar em eficiência, de tal forma que se começaram a fazer sentir pressões populacionais ainda mais fortes. Entre 1000 e 500 a. C., novas vagas migratórias de populações de idioma protomaipurano começaram a deslocar-se ao longo de todas as vias utilizadas pelos primeiros colonos: subiram o Madeira, o Juruá e o Purus; o Ucayali, o Japurá, o Negro, e desceram o Orenoco. Esta vaga migratória mais tarde penetrou até muito dentro das terras aluviais dos lhanos de Mojos, e até das terras aluviais mais secas do Grande Chaco. Uma vez concluída a descida do Orenoco e deslocados os antepassados dos Tainos, esta última vaga de colonos propagou-se quer ao longo da costa da Venezuela, quer da Guiana, utilizando como meio de transporte a canoa costeira. Houve mesmo migrações pelo curso descendente do Amazonas, direcção jamais tentada pelas vagas anteriores. Um dos ramos chegou à foz do Amazonas, donde passou à Guiana Brasileira, enquanto outro subiu o mais importante afluente sul do Amazonas, o Xingu, vindo a ocupar a pequena mancha de terra aluvial no nível superior.

Algumas das fases deste processo podem ser esquematizadas com o auxílio de mapas. Este esquema pressupõe pressões populacionais relativamente contínuas e vagas migratórias relativamente constantes, assim como a procura de regiões com um tipo único de caracteres ecológicos, ou seja, bons terrenos aluviais. O leitor poderá decidir se os dados arqueológicos expostos nos próximos capítulos confirmam ou refutam este modelo de dispersão populacional, sugerido pelos dados linguísticos.

TUPI-GUARANI

Depois do araucano, o tupi-guarani é o grupo linguístico de mais vasta difusão da América do Sul. Na época dos primeiros contactos com os Europeus, os povos de línguas tupis-guaranis eram muito numerosos e encontravam-se em rápida expansão para zonas ocupadas por grupos vizinhos. Embora o número de indivíduos que falam estas línguas tenha diminuído extraordinariamente no decurso dos tempos históricos, elas influenciaram muitíssimo o vocabulário da língua portuguesa falada no Brasil, e o guarani é ainda uma das duas línguas oficiais do Paraguai.

Tal como o araucano foi o grupo linguístico dominante na bacia do Alto Amazonas, assim o tupi-guarani era o mais importante na bacia do Amazonas inferior, especialmente ao longo da margem sul do rio. Infelizmente, não possuímos estudos comparativos minuciosos relativos aos vários ramos do tupi-guarani e não fizeram tentativas no sentido de conhecer a sua protolíngua, embora Arion Rodrigues tenha procurado, ainda que empiricamente, o seu grau de parentesco à base de vocabulário comum.

Noble demonstrou que o proto-araucano tem em comum com a protolíngua do grupo tupi-guarani uma parte apreciável do seu vocabulário básico. É portanto provável que o proto-araucano-tupi-guarani sejam aparentados, e é certo que eram pelo menos muito afins, em época imediatamente anterior à sua dispersão. Tendo em conta estes factos, parece-me acertado localizar a zona de origem da comunidade de idiomas prototupi-

a



b



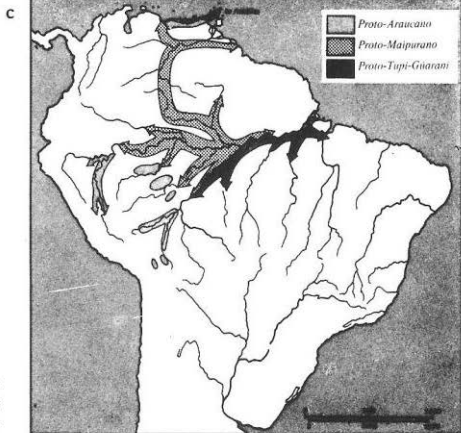
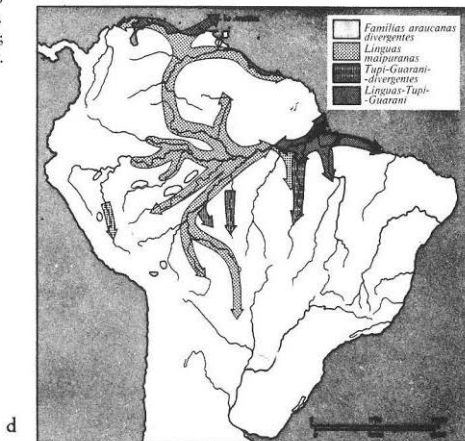


Fig. 5 — Mapas das várias fases do modelo de dispersão de populações que melhor se enquadram na distribuição das línguas macroaraucanas. 3000 a. C. (a); 2000 a. C. (b); 500 a. C. (c); 500 d. C. (d).



-guarani na margem sul do Amazonas, um pouco abaixo da confluência do rio Madeira. Existindo a mesma base económica e registando-se as mesmas espécies de pressões populacionais que se fizeram sentir para o proto-araucano, é fácil compreender a forma como se processou a distribuição final das línguas macro-tupis-guaranis, na época dos primeiros contactos com os Europeus. Os Araucanos, em expansão, bloquearam a ascensão da corrente principal do Amazonas, mas alguns grupos coloniais cedo subiram o rio Madeira e os seus afluentes orientais, o Aripuana e o Paraná, acabando por se estabelecer em pequenas manchas de terra aluvial, no sopé da serra dos Parecis, dando origem a cinco ou seis famílias linguísticas divergentes. Outros grupos de colonos desceram ao longo da margem sul do Amazonas, e um deles subiu o Xingu em época recuada, em busca de terras aluviais, vindo a constituir o antepassado da família yurua-na. A protolíngua tupi-guarani propriamente dita estava centrada junto da foz do Amazonas, no período imediatamente anterior da sua dispersão. Todas as línguas pertencentes a esta família têm parentescos muito próximos e quase toda a sua expansão se deu em época posterior. Na realidade, grande parte da expansão tupi-guarani teve lugar num período já sob a observação dos primeiros exploradores europeus, e temos relatos minuciosos dos padrões de guerra que permitiram a estes povos subjugar e exterminar os seus vizinhos menos numerosos e menos bem organizados. Somente um ramo da família tupi-guarani penetrou profundamente na bacia do Alto Amazonas, que compreendia os Cocamas, os Cocamillas e os Omaguas.

O PANOANO E AS SUAS AFINIDADES

O panoano é uma família linguística relativamente pequena, em função do número de línguas que a constituem e da dispersão geográfica dos povos que a falam. A divergência entre as línguas

panoanas não é grande, muito maior é certo do que aquela que separa as línguas da família maipurana do araucano, o que leva a crer que a dispersão dos povos de idioma panoano, desde o lugar da origem do protopanoano, constitui uma evolução relativamente recente. Apesar de restrita, a família panoana é particularmente importante para este estudo. Durante os últimos séculos tem sido uma família linguística dominante na bacia do Ucayali, a zona do Alto Amazonas da qual possuímos conhecimentos arqueológicos mais pormenorizados.

Os grupos universalmente aceites como panoanos formam um vasto arco de círculo, cuja extremidade nordeste se situa na margem sul do Alto Amazonas, no Brasil, e a sudeste, junto a confluência do Guaporé com o Madre de Dios. A parte mais ocidental deste arco atravessa a bacia do Ucayali, no sopé dos Andes peruanos. A sua metade norte é contínua, mas a meridional é dividida em duas zonas relativamente pequenas por um bloco de povos que falam o araucano e, de novo para sul e leste, por povos que falam um pequeno conjunto de línguas aparentadas, a família tacanana. Estudos muito recentes demonstraram que a família tacananã é muito próxima da panoana e que ambas derivam de uma mesma protolíngua, não muito antiga. É assim possível falar de um grupo linguístico macropanoano, composto pelas famílias panoana e tacanana.

Há maior desacordo no que diz respeito ao parentesco do macropanoano com as restantes famílias ou grupos linguísticos da América do Sul. Alguns estudiosos têm definido a existência de um parentesco próximo entre o macropanoano e o macroguaycuruano, o grupo linguístico mais difundido e mais importante do Grande Chaco. A existência real do macroguaycuruano não foi ainda demonstrada de forma sistemática, ainda que alguns estudiosos a considerem provável. Outro investigador, que fez intensos estudos comparativos sobre o panoano e que estudou igualmente o aymara e o quéchua, propõe a hipótese segundo a qual a protolíngua destes e a protolíngua do macropanoano têm a sua

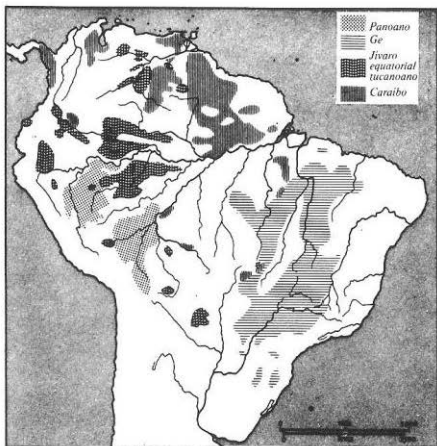
origem numa protolíngua ainda mais antiga, datável de cerca de 2000 a. C. Não há qualquer contradição intrínseca entre estas duas teorias do parentesco do macropanoano e, se ambas forem correctas, é muito provável que o berço do protopanoano se situasse na parte sul da sua zona actual, visto que a origem das línguas quéchuas e de todo o conjunto das guaycuruanas fica a sul da bacia do Ucayali central. Os panoanos da bacia do Ucayali e dos rios Juruá e Purus serão, portanto, imigrantes relativamente recentes, do Sul. Retomaremos este assunto quando considerarmos os testemunhos arqueológicos que dizem respeito à chegada dos Panoanos à bacia do Ucayali.

Ao contrário do que sucedeu na distribuição do araucano e do tupi-guarani, o eixo central da distribuição do panoano não é nem ribeirinho nem costeiro: estende-se pelas zonas próximas das nascentes de vários rios principais, tais como o Madre de Dios, o Purus, o Juruá e o Ucayali. O quadro da distribuição sugere que a maior parte da expansão panoana se processou a pé e não por via aquática. Esta impressão é reforçada pelo facto de muitos grupos panoanos terem técnicas náuticas muito pobres ou serem totalmente privados delas.

O GÊ E O CARAÍBO

Há ainda duas grandes famílias linguísticas cujo território é vizinho ou se prolonga pelas planícies da bacia amazónica. São elas: a gê e a caraíba. As línguas gê formam um bloco quase maciço, que domina as zonas mais secas do planalto brasileiro. Revelam-se muito diferentes, quando comparadas com as línguas dos povos da floresta tropical. Os padrões culturais e os sistemas económicos dos grupos de língua gê apresentam uma considerável uniformidade interna e fazem um marcado contraste com os dos povos da floresta tropical. É possível que os grupos gê tivessem mantido os seus actuais territórios por muito tempo, e não é

Fig. 6 — Distribuição dos restantes principais grupos linguísticos na bacia do Amazonas e nas regiões que a circundam.



provável que os seus antepassados fossem os responsáveis por quaisquer dos vestígios pré-históricos em causa.

Na época dos contactos, o maior bloco contínuo de línguas caraíbas centrava-se no planalto da Guiana, mas havia grupos isolados muito afastados na orla sul da bacia do Amazonas e em várias regiões do Norte da Colômbia. Grande parte da expansão das línguas caraíbas para noroeste foi muito tardia e algumas dessas migrações foram registadas pelos primeiros europeus. O estudo da linguística caraíba apresenta certas dificuldades que são o resultado directo dos padrões de aquisição territorial utilizado pelos Caraíbas. Estes padrões guerreiros, que serão tratados em capítulo subsequente, resultaram em línguas mistas, que levantam dificuldades aos taxonomistas da linguística. Em certos casos, como o do chocó, na costa colombiana do Pacífico, a língua é nitidamente caraíba, embora exista grande mistura de elementos chibchanos. Noutros casos, como o do caraíbo insular, a língua

falada nas Pequenas Antilhas e que hoje é igualmente falada na costa caraíba da América Central, o elemento caraíbo é tão ténue que a língua pode ser classificada de maipurano típico.

Dentro dos limites do Alto Amazonas, tal como foi definido neste livro, existem apenas três enclaves de língua caraíba. Dois deles, o arara, ao largo da zona central do rio Madeira, e o palmella, no Guaporé, entre a Bolívia e o Brasil, eram reduzidos, tanto em extensão como em número de indivíduos que a falavam. Os Carijonas, que ocupavam a maior parte da mesa de Paradoas, no sopé oriental dos Andes colombianos, eram muito mais numerosos e tinham um território muito mais extenso.

O peso das provas históricas e linguísticas leva a crer que o verdadeiro local de origem da língua protocaraíba foi o planalto da Guiana, ou zona próxima, provavelmente ao longo da margem norte do Baixo Amazonas. Examinaremos posteriormente os vestígios arqueológicos.

EQUATORIAL

No arco que rodeia a orla ocidental da bacia do Alto Amazonas e nas zonas de floresta de savana junto do Alto Orenoco existe ainda uma variedade estonteante de línguas isoladas e de pequenas famílias linguísticas que não apresentam quaisquer relações óbvias entre si, nem com nenhum dos principais grupos linguísticos. Apenas duas destas famílias, a catuquina na bacia do Juruá e a tucana, com uma distribuição descontínua no Peru oriental e no Leste da Colômbia, têm uma difusão geográfica média, mas algumas das línguas de amplitude geográfica restrita, tais como o jívaro e o shirixana, são ainda faladas por um grande número de nativos.

Na sua classificação coerente das línguas índias da América do Sul, Greenberg propõe a teoria de que a maioria das pequenas línguas isoladas pertencem a um supergrupo ao qual ele atribui a

designação de «equatorial». O araucano e o tupi-guarani são grupos linguísticos incluídos no supergrupo equatorial, e a teoria de Greenberg pode levar à conclusão de que todas as ramificações do equatorial divergiram de uma protolíngua única, cerca de um milhar de anos anterior à que originou o araucano e o tupi-guarani. Também neste caso, inclino-me a sugerir que o local de origem desta protolíngua fosse o Amazonas central, perto da confluência do rio Negro com o Amazonas. Se admitirmos que entre 3500 e 3000 a. C. as protolínguas correspondentes aos vários grupos divergentes do equatorial ficavam próximas do proto-araucano e do prototupi-guarani mas ligeiramente acima delas no Amazonas, no Madeira e no rio Negro, então a distribuição resultante dos contactos destas línguas será totalmente explicável em função de explosões demográficas de araucanos e tupis-guaranis. Estes grupos divergentes foram simplesmente empurrados, obrigados a subir o curso dos rios ou a abandonar as maiores correntes até às suas posições actuais marginais e, em geral, indesejáveis pela expansão dos seus vizinhos, mais numerosos e mais poderosos.